

De um tom apocalíptico adoptado recentemente na poesia portuguesa¹

Of an apocalyptic tone recently adopted in Portuguese poetry

Pedro Eiras

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa
eiras_pedro@yahoo.com

Data de receção do artigo: 19-07-2021

Data de aceitação do artigo: 02-09-2021

Resumo

Há um tom apocalíptico adoptado recentemente na poesia portuguesa. A partir de poemas de Adília Lopes, José Miguel Silva, Margarida Vale de Gato e Andreia C. Faria, este ensaio questiona conceitos como a destruição, o Antropoceno, a fúria e a esperança. O que pode fazer a poesia contra o fim dos tempos?

Palavras-chave: apocalipse – Adília Lopes – José Miguel Silva – Margarida Vale de Gato – Andreia C. Faria

Abstract

There is an apocalyptic tone recently adopted in Portuguese poetry. Based on poems by Adília Lopes, José Miguel Silva, Margarida Vale de Gato and Andreia C. Faria, this essay questions concepts such as destruction, the Anthropocene, fury and hope. What can poetry do against the end of time?

Keywords: apocalypse – Adília Lopes – José Miguel Silva – Margarida Vale de Gato – Andreia C. Faria

¹ Este ensaio foi desenvolvido no âmbito da investigação realizada no Instituto de Literatura Comparada (UIDB/00500/2020), Unidade I&D financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P

1. A poesia em tempos de indignação.

Há um tom apocalíptico adoptado recentemente na poesia portuguesa.

Esta frase pretende glosar, com grande liberdade, o título de um célebre ensaio de Jacques Derrida – *D'un Ton Apocalyptique Adopté Naguère en Philosophie* –, texto sobre as inúmeras profecias do fim na cultura ocidental: fim da História, do sujeito, da metafísica, do ser humano, da arte, da filosofia... Perante essa impressionante linhagem de anúncios apocalípticos, Derrida não procura um lugar exterior, imune ao pensamento do fim; na verdade, conforme defende, mesmo aqueles que desmistificam os profetas apocalípticos são responsáveis por introduzir novos anúncios: “se Kant denuncia aqueles que proclamam que a filosofia acabou desde há dois mil anos, foi ele próprio que, assinalando um limite, até mesmo o fim de um certo tipo de metafísica, libertou uma outra vaga de discurso escatológico em filosofia” (Derrida 1997: 42). Assim, o tom apocalíptico não admite exterior: ele configura e determina a própria linguagem do ocidente moderno – pelo menos. *Il n'y a pas de hors-Apocalypse*.

Nestas páginas, não pretendo averiguar essa lei geral do discurso, essa construção do pensamento através da demolição cíclica de linguagens, essa tradição de vanguarda (Octavio Paz). O meu objectivo é muito mais pontual e localizado: trata-se de ler alguns poemas portugueses recentes – alguns deles novíssimos – que explicitamente anunciam / descrevem / desejam / receiam o fim do mundo. Adianto, portanto, esta hipótese: há um tom apocalíptico adoptado recentemente na poesia portuguesa, há um sobressalto, um medo, a consciência dolorosa de uma fragilidade.

Entretanto, convém pensar desde já, ainda que de forma sumária, quatro ressalvas. Em primeiro lugar, *apocalypse* significa, em grego, revelação (no contexto bíblico, trata-se de uma revelação sobre o fim dos tempos, de origem divina, recebida por um homem chamado João, na ilha de Patmos). Assim, importa distinguir entre uma leitura positiva da palavra (transmissão de uma verdade transcendental, que aliás culmina no acolhimento eterno dos justos por Deus) e uma leitura disfórica (o *apocalypse* como aniquilamento do mundo). É apenas nesta última acepção, sem dúvida a mais corrente nos discursos quotidianos, que usarei a palavra. Em segundo lugar, recuso qualquer generalização perigosa: claro que nem toda a escrita contemporânea é apocalíptica (seria até possível escrever um ensaio sobre um tom genesíaco adoptado recentemente na poesia portuguesa...). Em terceiro lugar, os poemas

que tratam do fim do mundo entendem essa expressão de modos muitíssimo diferentes, quanto não opostos; quero dizer, “fim do mundo” é quase um significante livre, cujo sentido se actualiza em cada escrita individual, e exige uma decifração reinventada a cada instante. Por fim, claro que o tom apocalíptico está longe de ser uma novidade ou um exclusivo da poesia contemporânea; poemas de épocas diversas exploram o anúncio do fim, muitas vezes em diálogo com circunstâncias históricas trágicas (para não recuar aquém do século XX, veja-se como as Guerras Mundiais instalam um tom de ameaça e catástrofe na poesia universal, de Eliot a Celan.)

Ainda assim, considerarei que há um certo tom apocalíptico, específico, colectivo, adoptado recentemente na poesia portuguesa. Leio, por exemplo, estas linhas de Andreia C. Faria (n. 1984), num livro muito recente, *Clavicórdio*:

Este abandono acontece no ecrã com o seu folclore de frases feitas. Como uma anedota que alguém conta ao fundo da sala, gente morre no Mediterrâneo, cabeças são criadas como gado, um continente arde. E cada um de nós é o monstro do seu tempo, o monstro que este tempo arregimenta, ombros sobre os quais carregar a ilusão de nada haver além de um tempo a que se chama humano. Deixamos de ver rostos, de reconhecer a voz, a língua e o que em nós está vivo. Os olhos deixam de trazer-nos um olhar. As mãos de outros homens e mulheres assemelham-se terrivelmente às nossas próprias mãos, absurdas e minuciosas. O coração retira-se de todas as coisas. (2020: 17)

Interessa-me interrogar a natureza deste gesto – lamento? denúncia? –, esta consciência da fragilidade dos valores, da civilização, da cultura, da própria vida. A escrita permite avaliar os usos de uma linguagem acrílica (“frases feitas”), a ligeireza com que se contam vítimas (“Como uma anedota”), o fatalismo de um discurso repetido, conformado com a xenofobia, a crueldade, a destruição dos ecossistemas. A escrita denuncia o estado de indiferença, de uniformização, essa “ilusão de nada haver além de um tempo a que se chama humano”, o apagamento da diferença num mundo reduzido ao mesmo.

Mas a escrita é também, nesse preciso instante, o gesto – decerto frágil e cheio de dúvidas – que permite ao menos denunciar a destruição, o horror e a indiferença, o desgaste da linguagem. Ao afirmar que “Deixamos de ver rostos, de reconhecer a voz, a língua e o que em nós está vivo”, a escrita permite uma forma de resistência, obrigando a rever rostos, a reconhecer vozes. Sim, talvez haja na poesia portuguesa

recente um tom apocalíptico, mas – como afirma Hölderlin, num poema sintomaticamente intitulado “Patmos” – “onde há perigo, cresce / Também o que salva” (1991: 407). Ao denunciar o conformismo e a cumplicidade com o horror, o poema inclui um desencantado tom apocalíptico – mas ele próprio é uma forma de vigilância, lucidez, atrito possível.

2. O sentido do mundo

Em 1991, Adília Lopes (n. 1960) publicou o seu sexto livro de poesia, jocosamente intitulado *Os Cinco Livros de Versos Salvaram o Tio* (seria preciso interrogar com mais demora este verbo complexo – salvar –, e o humor na apropriação de um título de Enid Blyton, *Os Cinco Salvam o Tio...*). Nesse livro, podemos ler este poema insólito:

Imagino o fim da Terra assim
todas as casas e todas as ruas
desaparecem
assim como todas as pessoas
graças a um cataclismo
sobrevivem apenas os telefones
as baratas e as listas dos telefones
marcianos nos dias a seguir
tentam interpretar a lista dos telefones
os marcianos não estabelecem uma relação
entre os telefones e a lista dos telefones
mas entre a lista dos telefones e as baratas
e essa relação é plenamente satisfatória
(Lopes 2014: 155)

Narrativo e elíptico, simultaneamente muito claro e muito obscuro, este poema deixa vários enigmas por resolver. É uma alegoria, uma utopia, uma distopia, uma profecia? A exploração de um desejo – ou, pelo contrário, de um temor? A capacidade das baratas de sobreviverem a cenários apocalípticos – como conflitos nucleares – é uma ideia muito difundida; mas em que consiste ao certo este estranho cataclismo, capaz de destruir casas e ruas, ao mesmo tempo que preserva telefones e listas telefónicas?

Muitas destas questões – ou mesmo todas – são ociosas, claro, e sem resposta possível. Mais importante parece-me ser a proposta final do poema: destruída a humanidade (ou autodestruída), o que resta do planeta Terra é interpretado por marcianos; ora, “os marcianos não

estabelecem uma relação / entre os telefones e a lista dos telefones / mas entre a lista dos telefones e as baratas / e essa relação é plenamente satisfatória". É difícil interpretarmos, por nosso turno, esta estranha fábula em clave de ficção científica; mas talvez se possa aprender pelo menos isto com o *Apocalipse* segundo Adília Lopes: não há nada de óbvio, natural ou necessário na civilização humana, no sentido das nossas instituições. Aquilo que nos parece evidente não passa de uma construção possível, lógica aos nossos olhos, absurda aos olhos do universo; enquanto, pelo contrário, o que nos parece acidental pode ser significativo para um observador não humano.

Também não posso explorar neste ensaio a importância das baratas na obra de Adília Lopes; mas interessa-me considerar agora que todo o pensamento da autora sobre os animais – incluindo os ditos “domésticos” e os ditos “repelentes” – permite redescrever a vida no planeta Terra a partir de um ponto de vista não antropocêntrico. Talvez não possamos compreender que «relação» os marcianos do poema estabelecem “entre a lista dos telefones e as baratas”, *et pour cause*: sendo nós humanos, essa relação extra-antropológica deve escapar-nos (ou até parecer-nos absurda). Mas o poema permite ao menos dizer isto: as relações que nos surgem como certas podem não sobreviver à lógica da humanidade. Em Adília, o universo não é feito para o ser humano.

3. Pegada ecológica

Pelo contrário, o ser humano contemporâneo parece fazer-se contra o universo em torno, contra os ecossistemas de que ele próprio depende. O cataclismo evocado em Adília Lopes pode ser simplesmente natural (por hipótese, a colisão de um meteoro com a Terra, levando a uma extinção da vida em massa). Mas a poesia portuguesa contemporânea parece cada vez mais sensível às alterações – profundas, radicais, irreversíveis? – que o próprio ser humano provoca no planeta. Dito de outro modo, a poesia torna-se testemunha do Antropoceno.

Em 2017, José Miguel Silva (n. 1969) publicou um livro a que chamou *Últimos Poemas*, uma declarada despedida da poesia. Num tom assumidamente menor, o livro apresenta-se como um resto, uma publicação tardia e já inútil, conforme se depreende do título, muito sintomático, da primeira parte: “Pastéis que sobraram da festa e seria uma pena deitar fora” (2017: 5). Ora, este livro de tom já apocalíptico termina com um poema chamado “Fim”. Cito apenas as primeiras estrofes, o início de uma amarga litania:

Enquanto confundíamos o belo
 com o fácil e o fácil com o bom,
 numa sociopatia de narcisos
 viciados em picões de dopamina,
 a nossa casa natural apodrecia
 como o ventre das abelhas quando passa
 o glisofato da ganância liberal.

Enquanto amalhávamos promessas
 de crescer eternamente, numa torpe
 miopia de peritos em feitiços
 financeiros, enfeitávamos com fitas
 de sucesso o extermínio de culturas
 ou espécies concorrentes com a nossa
 e destruíamos o mundo por dinheiro.
 (2017: 40)

Desta feita, não há qualquer ambiguidade: a catástrofe é de responsabilidade humana, colectiva, calculada. Numa linguagem cirúrgica, descreve-se o esgotamento do mundo por uma exploração sem lei nem freio, por uma aliança catastrófica entre a técnica e o capitalismo – lapidarmente, “o glisofato da ganância liberal”. Quanto aos mitos de um progresso infinito, ou as “promessas / de crescer eternamente”, servem afinal o propósito de uma auto-destruição que dispensa cometas ou outros acidentes exteriores: são os próprios “narcisos” que exterminam culturas e espécies, que realizam o programa de um fim, mesmo quando – e sobretudo quando – não têm consciência disso.

Trata-se de uma forma de cegueira histórica. Em *Colapso. Capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo*, o politólogo Carlos Taibo afirma claramente: “As actuais instituições políticas, tanto nas democracias liberais como fora delas, não contribuem com nada de interessante para o debate sobre o colapso. O que nos chega delas é normalmente uma combinação de cegueira, curtoprazismo e defesa obscena de interesses privados” (2019: 226). E acrescenta: “Tenho a intuição – de nenhum modo se trata de uma certeza – de que dificilmente poderemos evitar o colapso” (220), antevendo catástrofes climáticas, esgotamento de fontes de energia, crises socio-económico-políticas globais. Ainda assim, dentro desse cenário de colapso, o mesmo autor propõe várias soluções, listadas no capítulo “A resposta alternativa” e resumidas no fim do livro: “*decrecer, desurbanizar,*

destecnologizar, despatriarcalizar e descomplexificar as nossas sociedades” (229).

O poema de José Miguel Silva e o diagnóstico de Carlos Taibo têm algumas preocupações em comum; ambos partem de uma observação do mundo, cientificamente fundamentada, e prevêem um futuro difícil, se não aniquilador, num prazo talvez não muito alargado. Ambos operam uma crítica ao contexto do capitalismo contemporâneo e à cegueira metafórica da humanidade. Mas enquanto Carlos Taibo acredita no resgate possível de novas relações socio-económicas, a poesia desencantada de José Miguel Silva, como despedida definitiva (afinal, trata-se de um poema intitulado “Fim” num livro chamado *Últimos Poemas...*), considera apenas a execução de um suicídio apocalíptico, anunciado e nem assim prevenido. E tudo isto é dito num pretérito imperfeito que descreve a catástrofe como se já tivesse acontecido, fazendo do poema uma voz inútil, que chegasse tarde demais. Cito as últimas duas estrofes:

Enquanto no cinema fumegavam
as cortinas e o filme apocalíptico
passava para as ruas, a espécie
racional repudiava a evidência
da catástrofe, brandia o seu bilhete
como carta de nobreza, proclamava
o seu direito a divertir-se até ao fim:

“Não saímos!” E de facto não saíram,
nem podiam – chefiados por impulsos
de lemingue, por quimeras de calor
industrial, pelo bíblico preceito
de surfar o vagalhão das energias
decrecentes, só podíamos seguir
o planograma do genoma e perecer.
(2017: 42)

Numa perspectiva tão radicalmente desiludida como esta, já nem se trata de, por exemplo, minorar a pegada ecológica: em José Miguel Silva, resta apenas o salto no vazio dos lemingues (que um mito persistente descreve como animais suicidas...), ou uma pegada através da qual a humanidade se esmaga a si própria.

Regresso a Andreia C. Faria. No livro *Um Pouco Acima do Lugar onde se Escuta o Coração*, depois recolhido na compilação

Alegria para o Fim do Mundo, leio a primeira estrofe de um poema chamado “Antropoceno”:

É um pouco obsceno escrever livros
 nos dias que correm. Deviam escrevê-los no fio
 da raridade, como uma mulher que há muito espera
 o primeiro cabelo branco, e sem metáforas
 Que mais nenhuma árvore se descerre
 para as folhas do poeta, nenhuma cotovia
 para que ele encontre a música. *O mundo não aguenta
 a narração de mais nada.* Ouviram a história da mulher
 que viveu dois anos sem fazer lixo? Já a cabeça,
 como as ruas dos trópicos no fim da festa,
 é um cenário pós-apocalíptico – a luz e o silêncio
 apartam-se do chão como uma alma
 a dissidir
 (2019: 64)

Nenhuma culpa distribuída pela humanidade, nenhum alibi do sujeito perante a força destrutiva das instituições. Desta vez, o apocalipse começa no livro – e é inevitável ler assim: *neste* livro, que temos nas mãos, feito de pasta de papel, feito de árvore. O Antropoceno começa nestes “dias que correm”, que são dias de desmatamento, e o poema aponta a sua contradição ao denunciar aquilo que ele mesmo propicia. Por isso, oscila entre a sugestão de um decrescimento (“Deviam escrevê-los no fio / da raridade”) e a proposta de uma renúncia radical (“Que mais nenhuma árvore se descerre / para as folhas do poeta”).

Mas o problema é mais profundo, e tem a ver com um excesso de ruído, a dispersão inútil das palavras (“*O mundo não aguenta / a narração de mais nada*”) e a incapacidade de experiência num mundo repleto de conhecimentos, de informação, de cultura. Ora, como pergunta Walter Benjamin, “de que nos serve toda a cultura se não houver uma experiência que nos ligue a ela?” (2010: 74). Ou seja, possuímos todas as palavras, sem conseguirmos construir uma escrita pessoal com elas; e talvez sem conseguirmos, sequer, designar essa nossa incapacidade. Num ensaio sobre a ideia de colapso, Jorge Leandro Rosa propõe: “Um dos maiores perigos do colapso que atravessamos é esse: que ele nos encontre desprovidos de palavras para o dizer” (2019: 14). Como que respondendo, Andreia C. Faria escreve: “Já a cabeça / [...] / é um cenário pós-apocalíptico – a luz e o silêncio /

apartam-se do chão”. Excesso de livros, poemas, ruído, escassez de árvores, luz, silêncio: não se pode habitar este mundo.

A este universo que implode por excesso de informação, narrativas e ruído, Andreia C. Faria não responde apenas com a defesa de um decrescimento na publicação dos livros ou da ponderação no uso da palavra, mas chega a admitir, ou convocar, uma destruição – digamos – apocalíptica. Termino de ler o poema:

É deixar que as intempéries terraplanem tudo
o que se ergue com a alegria do funâmbulo, com um golpe
de rins destruir o que se mova
acima da flor. Ao fim do dia
o corpo é cúmplice da paisagem
que habitou, um fino suor cresce
entre a pele e o lugar, e talvez
a voragem seja afecto
pelas coisas de muito perto vistas, um imperfeito
estremecimento de amor

Estás sozinha e a intuição desaba. Senta-te
nos degraus à espera. Respira
atrás da porta. Leva os dedos à boca
como quem teme a escuridão
(2019: 64-65)

“É deixar que as intempéries terraplanem tudo”: depois de um alerta quanto ao excesso de ruído no mundo, não sei se há aqui o paradoxo de um desejo destrutivo – ou a coerência de uma vontade apocalíptica. Em “destruir o que se mova”, talvez haja uma fúria genuína, ou ironia, ou masoquismo. Ao fim e ao cabo, só não há inocência: se a voz do poema denuncia o Antropoceno, na verdade o próprio corpo “é cúmplice da paisagem / que habitou”: não é possível destrinçar resistência e participação, inocência e culpa. E contudo, “talvez / a voragem seja afecto / pelas coisas de muito perto vistas”, talvez haja, mesmo no instante do desejo apocalíptico, “um imperfeito / estremecimento de amor”.

4. Desejo e *bluff*.

O poema não é forçosamente resistência à destruição, em nome de um mundo que fosse preciso salvar. Pelo contrário, o poema pode resistir a um mundo que entende como inaceitável, e nesse sentido apelar a um fim. Podemos ir mais longe: o poema não é apocalíptico

apenas num sentido constativo, ao descrever catástrofes ecológicas ou crimes contra a humanidade (passados, presentes ou futuros), mas também num sentido performativo, ao convocar o próprio fim (após o qual poderá, talvez, haver um recomeço).

Veja-se, por exemplo, este poema em prosa de Margarida Vale de Gato (n. 1973), no livro *Lançamento*:

pela porra toda de mesquinhezes e rancores e prepotências e conspirações silenciosas ou resmoneantes e pelas barreiras e pelas defesas pelas guardas pelos chuis mais as suas mãos brandas de manteiga e por todo o laxismo oportunista e pelo deixa-andar e pelos maus olhados e os vodus e pelas aparências do que deve ser e do que convém dizer e pelas pedras lançadas nas genis e nos pretos e nas ciganas e nos libaneses e nos larilas em todos que deviam ser nossos semelhantes mas que desgraçadamente não atingem a nossa fasquia e por aqueles que me cobram para conseguir chegar à minha casa ou para poder deixá-la e até se cumpro os semáforos aceleraram para me magoar hoje é daqueles dias em que se me esvai a confiança na humanidade e que estou com um pó que só seria solúvel se pulverizasse duma vez e para sempre a louça toda e mandasse às urtigas a caritas paulina que já o João mais amado que decerto Deus conserva à sua beira devia estar como eu quando resolveu deitar a pena ao apocalipse (2016: s/p)

Este poema não está interessado em cancelar ou adiar qualquer fim do mundo; pelo contrário, ele parece reivindicar activamente a sua fúria, a consciência de que vivemos num mundo intolerável. Nem sequer é um poema *sobre* a fúria, mas um poema *furiOSO* (apocalíptico?), construído como uma única frase torrencial, como um amargo copo de cólera (Raduan Nassar). A parataxe conjuga violentamente referências a formas de racismo e homofobia, expressões em calão, o eco de uma canção de Chico Buarque, ironias, até chegar ao núcleo da frase: “hoje é daqueles dias em que se me esvai a confiança na humanidade”.

Apesar de tudo, há a possibilidade de exorcizar essa fúria: “estou com um pó que só seria solúvel se [...] mandasse às urtigas a caritas paulina”; há esta solução extrema, que exige a renúncia a uma certa forma de moral. Talvez seja um preço elevado a pagar, e o poema descreve-o apenas numa construção hipotética, com os verbos no condicional ou no conjuntivo: não sabemos se o sujeito do poema chegará a prescindir de certos imperativos éticos, para desafiar um mundo que considera insustentável. E por fim há uma referência explícita ao *Apocalipse*: “hoje é daqueles dias em que [...] já o João mais

amado [...] devia estar como eu quando resolveu deitar a pena ao apocalipse”. Claro, há muito humor nesta referência, no uso da expressão ligeira “deitar a pena”, na relação que o sujeito do poema estabelece com o autor do *Apocalipse* (“o João mais amado”, ou seja, o quarto evangelista, que a tradição confunde com o escritor do último livro da *Bíblia*), e sobretudo no facto de a voz que enuncia o poema sugerir que João é parecido com ela, e não o contrário: onde o autor do *Apocalipse* deveria ser o arquétipo (e a voz contemporânea a cópia), a fúria de João surge apenas como uma sombra da voz que diz o poema...

Ora, o escritor de Patmos deve ser inventado pelo texto. Para Agustina Bessa-Luís, por exemplo, trata-se de um autor desolado: “o Apocalipse era uma homilia pronunciada em tom candente e triste em que cabiam todas as desilusões do exilado de Éfeso. João está perturbado, receia pela sua fé. [...] o Apocalipse parece ser uma medida de activação da personalidade batida pelo descontentamento” (1986: 15). Para D. H. Lawrence, trata-se muito mais de um autor ressentido, amargurado pela perseguição movida aos cristãos, escrevendo para sublimar a angústia ou, em termos mais brutais, para se vingar (1993). O “João” de Margarida Vale de Gato segue um terceiro modelo: o de uma fúria que serve de modelo inicial – mas que, em comparação com a fúria do poema, como que empalidece...

A fúria não é, portanto, acidental nem dispensável; não pode (não deve?) ser curada; e, quando se deseja o fim do mundo, convém levar a sério esse desejo – ora porque a fúria é mais imperiosa do que qualquer projecto de futuro, ora porque a destruição permite, depois, um futuro menos cruel. Quanto a esta última perspectiva, podemos pensar que ao desejo de fim do mundo subjaz uma vontade de reiniciar; como escreve Rosa Maria Martelo, lendo *Do Fim do Mundo* de Nuno Bragança, “seria o apelo do fim do mundo a rejuvenescer-nos, a conduzir à mudança [...]. Não creio sequer que consiga conceber o fim do mundo sem logo lhe juntar a possibilidade de outro mundo a começar, ainda que não saiba qual possa ser” (2015: 10-11). Deste modo, o fim seria apenas uma etapa – eventualmente dolorosa, mas necessária – para a transformação das coisas.

Na verdade, mesmo uma esperança tão paradoxal pode sair gorada. Cito na íntegra outro poema de Margarida Vale de Gato, intitulado “Eclipse lunar de 27 de Julho de 2018”, do livro *Atirar para o Torto*:

Esta galáxia cedo será brasa
 nossa terra faúlhas – penso isto
 no enlevo da estrada, amortecida
 a bater na cabeça as palavras
 sobre o cone deste planeta – ó
 berlinde abafador duma só íris
 a galar o ovo da lua, íngreme
 coalho, vermelho pisado
 vou
 quando chegar fechar-me fora, chave
 dentro, dormir com bichos no relento
 e uma garrafa só – hei de quebrá-la
 pelo gargalo para reparar
 de rubi na boca e anestesia
 o bluff de mais um apocalipse
 (2021: 17)

A palavra “eclipse” aparece apenas no título do poema, mas atravessa as suas entrelinhas. Ora, o livro do *Apocalipse* está cheio de referências a violentos acidentes celestes; e, como se sabe, a qualquer anúncio de um eclipse inúmeros comentadores de redes sociais sugerem logo que se trata de um sinal do fim do mundo... Ora, se o poema evolui da palavra “eclipse” para a palavra “apocalipse”, é apenas para negar esta última: a protagonista precisa de beber “para reparar / de rubi na boca e anestesia / o bluff de mais um apocalipse”. Ou seja, há apenas eclipses (temporários), não apocalipses (transformadores), pequenos sustos na ordem das coisas, mas não uma revolução para fora das coisas. E porque o mundo continua igual a si próprio, e escusa o fim, resta apenas a solução da “anestesia”, uma conformada embriaguez. Conforme resume Adília Lopes em *Os Namorados Pobres*, “o Apocalipse / é só um eclipse” (2014: 638).

5. Aprender a rezar na era do Antropoceno.

Termino este ensaio com a glosa livre de um título de Gonçalves M. Tavares (o romance *Aprender a Rezar na Era da Técnica*, de 2007) e, mais uma vez, com a poesia de Adília Lopes. Desta vez leio um poema em prosa de *Bandolim*:

Estamos a perder o mundo. É o Apocalipse. Resta-nos ir chuleando os trapinhos, os papelinhos, para que o mundo não se desfie todo de uma vez. Resta-nos desentropiar. Não estou a escrever um manifesto, estou a escrever uma oração. (2016: 141)

Insisto: existe um tom apocalíptico na poesia portuguesa contemporânea; não é o único, não é omnipresente, não é sequer uno, mas este poema de Adília Lopes afirma claramente que “Estamos a perder o mundo. É o Apocalipse”. Podemos concordar, discordar, debater o espírito destas afirmações, mas devemos também considerar a sua letra, a vontade de descrever a contemporaneidade como perda ou fim.

Para acabar, constato então que há pelo menos duas respostas possíveis a este cenário, segundo Adília Lopes. A primeira depende inteiramente da humanidade, de uma iniciativa terrena: “Resta-nos ir chuleando os trapinhos, os papelinhos, para que o mundo não se desfie todo de uma vez. Resta-nos desentropiar”. Onde eu próprio já recorri à expressão “decrescimento” (oposta à ruidosa produtividade na civilização contemporânea), talvez se pudesse usar antes esta outra expressão: “desentropia”. E, se o mundo está desfiado, talvez cada qual possa chuleá-lo (chulear é coser a orla de um tecido, evitando que se desfaça).

Em *Rumo a um Cosmopolitismo da Perda: Ensaio sobre o fim do mundo*, Mariano Siskind confessa: “Eu realmente acredito que há muito pouco que possamos fazer com arte e literatura sobre o fim do mundo. E sei que meu argumento é terrivelmente pessimista” (2020: 63); porém, pouco depois, acrescenta: “gostaria de sugerir a possibilidade de considerar a literatura e as artes [...] como lugares em que encontramos formas de lidar com o luto da perda do mundo, a estrutura imaginária de uma comunidade impossivelmente universal, emancipada [...] que sabemos estar perdida para sempre” (64). Siskind defende então a importância da melancolia, como experiência que permite trabalhar sobre a perda do mundo, em vez de a negar através de mecanismos psíquicos automáticos, impensados (75). Penso que o poema em prosa de Adília Lopes aposta nessa melancolia: afirma que “Estamos a perder o mundo”, mas não cede a um desespero céptico nem a uma esperança automática, antes propõe uma solução possível, melancólica, “ir chuleando os trapinhos, os papelinhos”, amparando a própria fragmentação das coisas.

Há uma segunda resposta a este cenário, muito clara na última frase: “Não estou a escrever um manifesto, estou a escrever uma oração”. Decerto a oração é uma iniciativa humana, mas pede a intervenção do divino, supra-humano: o poema de Adília conduz a este lugar, em que o mundo, o seu fim e a sua continuação, dependem de

um propósito exterior à própria humanidade. Trata-se, agora de modo mais literal do que nunca, de um poema apocalíptico, ou seja, no qual a verdade pode ser, quando muito, confiada à criatura por Deus, mas não conquistada.

Como conciliar estas duas leituras? O poema deve esperar a salvação, ou pode “ir chuleando os trapinhos”, tomando a iniciativa de salvar o tecido? Ou acaso essa costura deve ser feita através da oração? Como se desentropia ao certo um mundo ruidoso? Ainda vamos a tempo? Manuel António Pina dizia que sim, no título do seu primeiro livro de poesia, de 1969: *Ainda Não é o Fim nem o Princípio do Mundo Calma É Apenas um Pouco Tarde*. Será? E o que pode um poema, para que serve um poema, contra esse relógio apocalíptico?

O poema, responde Adília, serve “para que o mundo não se desfie todo de uma vez”. E esta é das mais belas frases que nós temos para evitar o fim do mundo.

Bibliografia

- Benjamin, Walter (2010): “Experiência e indigência”, in *O Anjo da História*, trad. João Barrento, Lisboa, Assírio & Alvim, pp. 73-78.
- Bessa-Luís, Agustina (1986): *Apocalipse de Albrecht Dürer*, Lisboa, Guimarães Editores.
- Derrida, Jacques (1997): *De um Tom Apocalíptico Adoptado Há Pouco em Filosofia*, trad. Carlos Leone, Lisboa, Vega.
- Faria, Andreia (2019): *Alegria para o Fim do Mundo*, Porto, Porto Editora.
- _____ (2020): *Clavicórdio*, Lisboa, Língua Morta.
- Gato, Margarida Vale de (2016): *Lançamento*, Lisboa, Douda Correria.
- _____ (2021): *Atirar para o Torto*, Lisboa, Tinta-da-China.
- Hölderlin, Friedrich (1991): “Patmos”, in *Poemas*, trad. Paulo Quintela, Lisboa, Relógio d’Água, pp. 406-423.
- Lawrence, D.H. (1993): *Apocalipse*, Lisboa, Hiena.
- Lopes, Adília (2014): *Dobra. Poesia reunida. 1983-2014*, 2ª ed., Porto, Assírio & Alvim.
- _____ (2016): *Bandolim*, Porto, Assírio & Alvim.
- Martelo, Rosa Maria (2015): “Fim do mundo / reiniciar”, *eLyra. Revista da rede internacional Lyracompoeitics*, 5: *Poesia e Fim do Mundo*, pp. 9-19.

- Pina, Manuel António (2001): *Poesia Reunida*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- Rosa, Jorge Leandro (2019): "As facetas do colapso", in *Flauta de Luz. Boletim de topografia*, nº 6, pp. 12-25.
- Silva, José Miguel (2017): *Últimos Poemas*, Lisboa, Averno.
- Siskind, Mariano (2020): *Rumo a um Cosmopolitismo da Perda: Ensaio sobre o fim do mundo*, trad. Caio Cesar Esteves de Souza, Copenhaga / Rio de Janeiro, Zazie Edições.
- Taibo, Carlos (2019): *Colapso. Capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo*, trad. Pedro Morais, Lisboa / Setúbal, Livraria Letra Livre / Associação Mapa Crítico.
- Tavares, Gonçalo M. (2007): *Aprender a Rezar na Era da Técnica*, Lisboa, Caminho.